

CONVERSATIONS WITH THE EARTH



INDIGENOUS VOICES
ON CLIMATE CHANGE

Agricultores sem Fronteiras

Com o clima destruindo os alimentos tradicionais, diversificar é viver.

Duas comunidades indígenas (os Gamo, da alta Etiópia, e os Quéchua, dos Andes Peruanos), vivendo em regiões altas em lados opostos do Atlântico, estão se conectando para conversar sobre um objetivo em comum: salvar seus alimentos básicos (enset na Etiópia e batatas no Peru) das consequências da mudança climática, que incluem temperaturas mais altas e ciclos de chuva interrompidos. Os alimentos podem ser diferentes, mas as lições são iguais. É crítico manter a agricultura indígena e a agro-biodiversidade sãs e salvas.



Fotografia: Nicolas Villaurme

Legendas: CWE

2009 - www.conversationearth.org

Os Altos do Gamo fazem parte da região de linguas omóticas do sul da Etiópia, um centro antigo de habitação humana nas escarpas ocidentais do Vale do Rift. Hoje, há mais de cinquenta comunidades interdependentes vivendo nas escarpas, ao longo dos lagos Abaya e Chamo. Essa história foca nos habitantes da aldeia de Doko.



Lagos Abaya e Chamo, Altos do Gamo, Etiópia



Mulher da aldeia Doko num campo de plantas de enset, Altos de Gamo, Etió-



Halimbe Soazo (à direita), Comunidade Dako, Altos do Gamo, Etiópia

Conhecida como "banana falsa" por sua semelhança com a bananeira, enset é um alimento muito versátil. Depois do parto, as mães comem uma gelatina nutritiva de enset chamada itema. Depois de uma morte, as pessoas de luto é servida uma raiz fresca, cortada e fervida. E entre o nascimento e a morte, a vida diária depende totalmente de pão, pastéis fritos e outras comidas feitas da raiz e talos de enset. Porém, é mais que

somente comida. "O enset é incomparável com qualquer outro alimento", diz Halimbe Soazo, que processa o enset ao ritmo de canções de trabalho com as outras mulheres da aldeia Doko. "É utilizado para tudo: cercas, cortinas, almofadas, sacos, fios, cordas, alimentação para os animais. Não podemos imaginar nossas vidas sem o enset."



Shagre Shano Shale, dirigente da comunidade / Aldeia de Doko, Altos do Gamo, Etiópia

Desde a antiguidade, aldeões dos Altos do Gamo plantam o enset no ritmo das estações, acompanhados por rituais específicos. "Nos velhos tempos, não chovia durante a seca, e nas épocas de chuva, chovia", afirma Shagre Shano Shale, um ancião da aldeia de Doko. "Agora tudo está diferente." Essas mudanças interromperam os ciclos de crescimento do

enset, causando um declínio na produção. Assim os habitantes dos Altos de Gamo, como Shagre, têm de procurar maneiras de preservar sua cultura e encontrar novas defesas contra a fome.



Shagre Shano Shale, dirigente da comunidade, Aldeia de Doko, Altos do Gamo, Etiópia

Em setembro de 2009, o ancião da aldeia de Doko, Shagre Shano Shale, viajou com um grupo de cientistas etíopes a um projeto de preservação da agricultura indígena nos Andes peruanos conhecido como o "Parque da Batata." O objetivo era de observar como seis comunidades indígenas Quéchua se uniram para preservar seu alimento sagrado – centenas de variedades de batata. Depois desse intercâmbio cultural, Shagre voltou com

um plano de agro-biodiversidade para sua comunidade Gamo na aldeia de Doko. No seu primeiro dia de volta, ele consultou com os outros anciões, compartilhando como os esforços nos Andes seriam relevantes para seu próprio trabalho de preservar o enset, seu alimento principal.



Agricultor de enset na aldeia de Doko, Altos do Gamo, Etiópia

Na aldeia de Doko, cada planta de enset historicamente produz várias plantas novas saudáveis. Estas são separadas e replantadas, ao som do canto dos agricultores locais como essa equipe de Belachew Beyene. Porém, nos últimos anos, aconteceu uma interrupção inédita nos ritmos da chuva que exauriu as ervas locais e estressou o gado, resultando em menos adubo para fertilizar os campos de enset e no atrofiamento das

próprias plantas. Os agricultores foram deixados com menos plantas, mais fracas, magras e vulneráveis a doenças e secas. Enquanto isso, as temperaturas regionais aumentaram, espalhando um cancro de enset nas elevações mais baixas. Essas experiências ressoam com os contemporâneos do povo do Doko entre o povo Quéchua no Peru, que estão trabalhando para salvar seus campos de batata dos efeitos da mudança climática.



Mulheres processando plantas de enset, Aldeia de Doko, Altos do Gamo, Etiópia

Nos Andes Peruanos, que se tornaram mais quentes nos últimos anos, as batatas estão crescendo a altitudes até 200 metros maiores que antes. Agora estão ameaçadas por novas pragas e pragas não encontradas em elevações mais baixas. Mas as comunidades Quéchuas no Parque das Batatas, perto de Cusco, Peru, estão retomando dietas tradicionais e práticas espirituais relacionadas à agricultura. Também estão desenvolvendo micro-negócios e identificando, coletando e propagando muitas variedades de batatas. Uma diversidade maior cria maior potencial para o sucesso das safras e a adaptação. "Em Cusco, eu vi cerca de 300 variedades de batata", disse Shagre Shano Shale, um ancião Gamo. "Podemos replicar essas experiências." Muitas variedades de enset caíram em desuso, mas se trabalharmos bastante, podemos resgatá-las. Esta é minha mensagem à comunidade: preservar e coletar." Essa mensagem ressoa desde as fazendas tradicionais de enset da aldeia de Doko até os antigos campos de batatas nos Andes, e a um mundo enfrentando potenciais surtos de fome causados pelo clima.